



50% dos idosos não têm dentes

Cheque-dentista é um sucesso mas não chega a todos. Médicos apelam à contratação e a acordos com consultórios

O serviço público de Saúde que garante cuidados complexos como transplantes é o mesmo que não tem medicina dentária para tratar a boca dos portugueses. Quem vai aflito à Urgência, quase sempre, recebe alívio para a dor ou infeção e a recomendação para ir ao dentista, privado. “Quem não pode pagar fica totalmente desacompanhado”, afirma Orlando Monteiro da Silva, bastonário dos médicos dentistas.

São raros os centros de saúde e os hospitais que têm um dentista. Por exemplo, no Algarve a Administração Regional de Saúde afirma que “existe apenas um, em Faro”. O bastonário critica a “medicina dentária residual no Serviço Nacional de Saúde (SNS)” e alerta que as consequências estão à vista: “Temos milhões de portugueses desdentados, com mais de metade das pessoas acima dos 65 anos sem um único dente.”

Os sorrisos dos portugueses só não são mais ‘amarelos’ porque tem sido dada atenção a grupos sensíveis. Grávidas, crianças e jovens, idosos desfavorecidos e portadores de VIH têm cuidados pagos pelo Estado através do cheque-dentista. Há mais de três mil especialistas aderentes ao programa, no valor anual de 18 milhões de euros e que já beneficiou três milhões pessoas.

Orlando Monteiro da Silva garante que é pouco. “O programa não é acessível a todos. É preciso incluir diabéticos, urgências e mais crianças e jovens”. Como? Contratando médicos para o SNS e abrindo convenções com privados, como se faz nos Açores e na Madeira. Caminhos que diz ter mostrado aos sucessivos governos.

“Portugal tem cinco a seis mil consultórios e cerca de 8800 médicos dentistas ativos, pelo que não é por falta de recursos que o problema não se revolve”, afirma. Na legislatura que terminou a equipa ministerial de Paulo Macedo manifestou interesse em alargar o cheque-dentista até aos 18 anos. V.L.A.